

# Imprensa sul-africana 27.10.84 divulga terrorismo dos BA's

O interesse da Imprensa sul-africana pelos actos de terrorismo praticados em Moçambique pelos bandidos armados tem aumentado nas últimas semanas. Isto acontece em contraste com o período que antecedeu o Acordo de Nkomati.

O caso de Jorge Cotane, que se encontra hospitalizado em Maputo em consequência de ferimentos provocados por bandidos armados, foi reproduzido com destaque no jornal «Pretoria News», sob o título «rebeldes matam por prazer». Jorge Cotane relata, em declarações transcritas por aquele jornal, o assassinato de seu pequeno filho, Afzal.

O mesmo jornal sul-africano descreve ainda os casos de Maurício Xavier, ferido em Inhambane, e de Castigo Tamela, ferido em Nampula por bandidos. Estes casos, diz o jornal, são a ponta emergente de um «iceberg», são profundas feridas que levarão anos a sarar.

Este mesmo jornal também publicava no passado dia 9 um extenso artigo, elaborado a partir de uma notícia surgida no jornal americano «Washington Post», em que se dava a conhecer que antes da assinatura do Acordo de Nkomati operadores militares sul-africanos tinham fornecido quantidades de armas suficientes para manter as actividades dos bandidos

armados em Moçambique por mais um ano.

Este artigo revelava que (1) a África do Sul começou a apoiar os bandidos sob a direcção do Primeiro-Ministro Botha, depois do seu antecessor, John Vorster, ter recusado ao seu envolvimento (2), e que os bandidos continuam a receber apoio de homens de negócios portugueses na África do Sul e em Lisboa.

Estas revelações, feitas em Harare por um dos fundadores dos bandos armados, indicam que no momento da independência do Zimbabwe foram colocadas aos bandidos três opções: Enterrarem as armas e regressarem a suas casas; deixarem Moçambique através da Rodésia e ir para outros lados; ou irem trabalhar para os sul-africanos que estavam desejosos de passar a dirigir a operação.

O artigo em questão terminava por afirmar que Moçambique tinha vigorosamente aplicado a parte que lhe dizia respeito no Acordo de Nkomati, mas que o grupo apoiado pela África do Sul continuava a funcionar sem impedimento aparente.

Também o jornal «Citizen» dava

destaque, no passado dia 9, a um artigo sobre as relações moçambicano-americanas. Afirmando que os Estados Unidos tinham fornecido a Moçambique apoio em produtos alimentares para as vítimas da seca, no que pode ser considerado ajuda humanitária e não política, mas que mais recentemente a Administração americana tinha decidido iniciar um programa de cooperação normalmente reservado para países considerados politicamente amigos.

Este tom da Imprensa sul-africana, que seguramente contrasta com a imagem propagandeada anteriormente a Nkomati, começou a surgir com maior frequência após a Declaração de Pretória, segundo a qual a África do Sul se comprometeu a pôr fim ao conflito e instabilidade em Moçambique.

A este respeito e sobre as conversações que têm tido lugar em Pretória, na Comissão criada pela Declaração de 3 de Outubro e que é chefiada pelo Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros, Louis Nel, o jornal «Sunday Times», pela mão do jornalista Brian Pottinger, dizia que se estavam a dar importantes passos para se nor-

malizar as condições em Moçambique, que presente é ameaçado por rebeldes armados, originalmente apoiados pela África do Sul.

Este jornalista dava claramente a entender no seu artigo do dia 7 de Outubro, que à África do Sul cabia grande parte da responsabilidade de pôr termo ao conflito no interior do nosso País. O jornalista dizia ainda que embora Moçambique nunca tivesse acusado Pretória de quebrar o Acordo de Nkomati, tem sugerido que certas «agências» talvez continuem a operar a partir da África do Sul.

Também o conceituado «Rand Daily Mail» tem vindo a dar destaque às conversações de Pretória, dando a conhecer aos seus leitores o imenso movimento político que existe entre os moçambicanos, de repúdio pelas acções dos bandidos armados.

José Caetano, jornalista do «Rand Daily Mail», que visitou Maputo há algumas semanas, dava a conhecer, a 11 de Outubro, as manifestações populares que estavam a decorrer em Maputo, escrevendo que muitas centenas de representantes de células do Partido, das organizações da Juventude e da Mulher e dos sindicatos, tinham reafirmado que a acção militar era decisiva para a eliminação do banditismo armado.

ALVES GOMES